

CICATRIZES DO EXÍLIO NA FICÇÃO DE MILTON HATOUM

Marcia Valeria Sampaio
Orientadora: Stefania Chiarelli
Mestranda

RESUMO

Tendo como ponto de partida a obra *Romance das origens, origens do romance*, escrito por Marthe Robert, este trabalho analisa, num primeiro momento, *Dois irmãos*, de Milton Hatoum, enquanto romance familiar, levando em consideração seu contexto cultural, com o intuito de entender de que forma os conflitos familiares que permeiam a narrativa contribuíram, direta ou indiretamente, para a formação da personagem Yaqub, mais especificamente no que diz respeito à sua condição de bastardo. Propõe, então, repensar a definição da bastardia, buscando compreendê-la na qualidade de condição existencial que, no caso de Yaqub, se caracteriza como consequência do exílio sofrido. Em seguida, sugere conceber a viagem como maldição quando a mesma assume um caráter punitivo. Para isso, fundamenta-se no livro *Teoria da Viagem: poética da geografia*, de Michel Onfray, onde a história bíblica de Caim e Abel serve de inspiração para que o autor teorize o que chama de gênese da errância, que vem a ser uma maldição “herdada” de Caim e que tem como pressuposto a percepção da essência punitiva da viagem. A ideia desenvolvida por Onfray contribui para uma análise mais ampla de Yaqub que, além de amaldiçoado pelo exílio, tal qual Caim, também carregou uma marca no corpo que serviu como memorial do ódio entre irmãos. Assim, este trabalho trata não apenas da busca por filiação e a aceitação social, mas também da inquietação com relação a própria origem, a perda de referências, a solidão, a dor pelo desenraizamento e o sentimento de orfandade frequente no exilado.

PALAVRAS-CHAVE: *Dois irmãos*, bastardia; viagem; exílio.

Desde o lançamento, em 1989, de *Relato de um certo Oriente*, sua aclamada estreia como romancista, Milton Hatoum tem se destacado como um dos principais nomes da literatura contemporânea, não apenas dentro do Brasil, como também no exterior, tendo sua obra traduzida em dez línguas e publicada em catorze países. De acordo com um levantamento feito em 2013 pelo Itaú Cultural em parceria com a FLIP, Hatoum aponta como um dos brasileiros mais citados - entre autores vivos e mortos - tanto em pesquisas nacionais como estrangeiras. E, ao que tudo indica, a tendência é que, em 2015, a visibilidade do escritor cresça ainda mais por conta de quatro produções baseadas em sua obra: *Órfãos do Eldorado* (2008) e *Relato de um certo Oriente* se convertem em longas para o cinema, sob a direção de Guilherme Coelho e Marcelo Gomes, respectivamente. Já *Dois irmãos*¹ (2000), segundo romance do autor que, recentemente, foi eleito um dos livros mais importantes da literatura brasileira nos últimos vinte anos², chega à televisão através de uma minissérie dirigida por Luiz Fernando Carvalho, além de ganhar uma versão em quadrinhos, criada pelos cartunistas Fábio Moon e Gabriel Bá.

Diante do incontestável sucesso de *Dois irmãos* e seu impressionante alcance no que diz respeito à sua aceitação tanto pela parte do público quanto da crítica especializada, Hatoum confessa em entrevista a Flavio Stein no projeto “Um escritor na Biblioteca” de 2011: “Estou ficando com medo de *Dois irmãos*, porque é muito lido. Então penso: será que é de fato um livro que tem alguma qualidade? Quando se atinge um público muito grande, é de desconfiar”. O que o escritor pode ter ignorado é que, justamente aquilo que nele desperta dúvida e insegurança, é exatamente o que atrai uma tão vasta gama de admiradores para sua obra: a empatia pelos temas de apelo universal, afinal, no romance em questão, o autor nos apresenta a história de uma família repleta de dramas e conflitos - assim com tantas outras - mas que, no decorrer da narrativa, se revela um pouco mais sofrida e trágica que a maioria. Somado a isso, obviamente, contamos com a capacidade de Hatoum em envolver o leitor com sua escrita exuberante e, concomitantemente, nos apresentar à beleza de uma cultura híbrida escondida numa Manaus distante e exótica, ao mesmo tempo em que desperta reflexões mais profundas

¹ Lembrando que *Dois Irmãos* já foi adaptado para o teatro em 2008, sob a direção de Roberto Lage.

² Dado levantado através de uma pesquisa realizada pelo jornal Cômico. A pesquisa consistiu em perguntar a 20 escritores e críticos qual o melhor livro brasileiro em prosa lançado nas duas últimas décadas. As respostas foram dadas com as devidas justificativas, acompanhadas de trechos das obras escolhidas.

acerca da natureza fugaz e ambígua do ser humano. A temática principal do romance gira em torno da rivalidade dos irmãos Yaqub e Omar e como toda a família se comporta diante e por conta desse embate. Os gêmeos, com suas personalidades totalmente paradoxais, desde o nascimento foram recebidos e tratados de forma declaradamente distinta, - partindo da própria mãe, Zana - gerando uma hostilidade inevitável entre ambos. No meio desse drama familiar, ainda se encontra a figura do pai ausente, Halim; da caçula e única menina Rânia; da índia agregada, Domingas; e de Nael, filho de Domingas com um dos gêmeos, e também o narrador da história, cujo ponto de vista parcial, permeado de imagens, sensações e percepções recordadas e recontadas, é fundamental para uma visualização mais nítida e definida dos papéis que cada um dos membros da família exerce.

Desta forma, entendo que o sucesso de *Dois irmãos* não se estabelece “apesar de” ser uma história de família, mas sim “por ser” uma história de família. Com uma forte referência memorialística, a bastardia e a orfandade são temas recorrentes na escrita de Hatoum, além de remeterem diretamente ao conflito familiar. Tais condições são evidenciadas e exploradas tanto em *Relato*, *Cinzas do Norte* e *Órfãos do Eldorado* (cujo título já anuncia a premissa), como em *Dois irmãos*. Esta temática em particular, soa bastante coerente à teoria de Marthe Robert que acredita que o romance, enquanto gênero literário, é uma forma de ficção decorrente do “romance familiar”³, de Sigmund Freud. Para a autora, as histórias de conflitos familiares imaginadas pela criança, onde a mesma sempre termina por se projetar órfã ou bastarda a fim de se desassociar dos pais que já não mais admira, servem como base para a escrita dos romances, pois acredita que “não há ficção, representação ou arte imagética que, de certa forma, não seja dele [romance familiar] ilustração velada” (2007, p.48). Ou seja, pode-se entender, então, que as figuras do órfão e, mais comumente, do bastardo, de alguma maneira, sempre se farão presentes enquanto reminiscências do imaginário infantil do autor.

No que se refere a *Dois irmãos*, é interessante perceber traços da teoria desenvolvida por Robert. Na trama, a bastardia se destaca tanto na abordagem civil como na afetiva. No primeiro aspecto, encontramos Nael, o narrador-personagem, em busca da identidade de seu pai biológico e, conseqüentemente, da sua própria. Com

³ Segundo o dicionário de Psicanálise, é a expressão criada por Sigmund Freud para designar a maneira como um sujeito modifica seus laços genealógicos, inventando para si, através de um relato ou uma fantasia, uma outra família que não a sua.

relação à bastardia afetiva, temos Yaqub, o filho legítimo, porém, repudiado através do exílio. Em ambos os casos, as personagens tentam mudar suas histórias e alcançar a redenção através de algum tipo de legitimação. Em Nael, encontramos as características clássicas de um bastardo em sua definição primária: não sabe qual dos gêmeos é seu pai e sua mãe é uma índia órfã cedida à família de Halim e Zana pelas freiras do orfanato local. Família esta onde vive meio agregado, meio adotado, mas sempre desconectado. Já Yaqub, mesmo sendo filho legítimo, também é um bastardo à sua maneira. Rejeitado desde o nascimento e, em seguida, enviado a viver isolado da família em um país distante, encarna a bastardia enquanto consequência da negligência afetiva que sofreu. Aqui, o bastardo filiado soa como um estrangeiro em sua própria terra, que, uma vez desterrado, sente já “não pertencer a nenhum lugar, nenhum tempo, nenhum amor”. Seria a bastardia pela “origem perdida, o enraizamento impossível” (KRISTEVA, 1994, p.15) do sujeito que se vê irremediavelmente deslocado da família, mesmo quando retorna a ela.

Assim, em *Dois irmãos* nos deparamos com questões inerentes à própria experiência humana, tais como as relações interpessoais, o ódio entre irmãos, as escolhas equivocadas que se traduzem em traumas e tragédias, a bastardia, o exílio, a ascensão e o declínio da família. Em sua essência, um romance que parte do drama familiar “e segue no sentido de construir pela memória inventiva o passado da família, dos personagens”, o que corrobora a premissa de que “qualquer grande obra tem a memória como uma espécie de quase irmã siamesa da imaginação”⁴. Em outras palavras, o romance, mais do que o relato do percurso de uma família absorta no infundável duelo entre os gêmeos Yaqub e Omar, é um mosaico de recordações individuais e coletivas, um remexer da memória - do autor, narrador e leitor - onde a verdade se mistura entre a ficção e a realidade.

A herança de Caim

O livro do Gênesis conta a história de Caim e Abel, filhos de Adão e Eva, os primeiros habitantes da Terra. No relato bíblico, Caim se torna lavrador de terra, e Abel pastor de ovelhas. Certo dia, Caim entrega alguns frutos de sua agricultura em oferta a

⁴ Trecho retirado da entrevista de Milton Hatoum concedida a Flavio Stein no projeto “Um escritor na Biblioteca” em 2011, e transcrito pelo Jornal Cândido - Nº 08 - Março 2012.

Deus, enquanto Abel escolhe as melhores gorduras e os primogênitos de seus rebanhos para ofertar. Deus então se agrada de Abel por lhe ter dado o que tinha de melhor, o que não ocorre com Caim, que apenas oferta o que possuía como simples obrigação ao costume. Ressentido pelo desprezo divino e assolado de ira e inveja contra o irmão, Caim leva Abel para o campo e lá o mata. Ao ver o que Caim havia feito, Deus o confronta e, em seguida, o amaldiçoa pelo fratricídio:

Disse o Senhor: "O que foi que você fez? Escute! Da terra o sangue do seu irmão está clamando. Agora amaldiçoado é você pela terra, que abriu a boca para receber da sua mão o sangue do seu irmão. Quando você cultivar a terra, esta não lhe dará mais da sua força. **Você será um fugitivo errante pelo mundo**". (GÊNESIS, Capítulo 4:10-12 – grifo meu)

Homem da terra e de raízes, Caim agora estava fadado a viver como um errante. Ou seja, daquele momento em diante, Caim deixaria sua vida sedentária e previsível para trás e passaria a viver como um nômade, um viajante sem pouso permanente. Surge, daí, a ideia da viagem enquanto castigo, e este vem a ser o ponto de partida de Michel Onfray para afirmar que, de Caim, descendem todos os viajantes. É o que chama de gênese da errância: a maldição; genealogia da eterna viagem: a expiação. Para o autor, "a ausência de casa, de terra, de chão supõe, a montante, um gesto deslocado, um sofrimento causado a Deus" (2009, p.12). Assim, todo viajante – ou seja, aquele indivíduo, por iniciativa própria ou não, compelido a uma vida em trânsito – é naturalmente amaldiçoado por sua condição de não-pertencimento, pois não pertence de fato ao grupo social de onde provém, e muito menos pertence ao grupo que visita: um eterno pária, um vagabundo, alguém visto de viés, um estranho que desperta desconfiança e desconforto. Se o viajante por natureza, então, já carrega o estigma da culpa e do pecado, seria correto afirmar que ainda mais difícil e violenta é a experiência da viagem para aqueles que não a desejam. Seria algo como uma maldição duplicada.

Onfray também acredita que, no que diz respeito às profissões antagônicas dos irmãos bíblicos, a representação do pastor e do camponês funciona como figuração do nômade e do sedentário e de como se comportam esses dois modos de ser no mundo:

Esses dois mundos se afirmam e se opõem. [...] o pastor de rebanhos e o camponês lavrador, o homem dos animais em movimento contra o do campo que permanece. Os andarilhos, os vagabundos, os errantes, os que pastam, correm, viajam, vagueiam, flanam, palmilham, já e sempre em oposição aos enraizados, aos imóveis, aos petrificados, aos erigidos em estátua. [...] Assim, o agricultor mata o pastor, o camponês assassina o homem das cabras (ONFRAY, 2009, pp.10 e 11).

Dessa maneira, observamos que o castigo de Caim foi a condenação a uma existência que divergia de sua própria natureza. Se a vida errante e livre fosse

condenável por si mesma, Deus não teria se agradado de Abel quando este lhe ofertou o melhor de seus rebanhos, pois esta seria uma oferta desde sempre contaminada por sua origem corrompida. A punição aqui, então, não é o ato de viajar em si, e sim forçar alguém - que não possui a intrepidez intrínseca de um viajante - a viver em trânsito contra sua vontade. Até porque, há de se levar em conta, antigamente, viajar não era tarefa tão simples e corriqueira como nos dias de hoje. Durante séculos, a viagem foi vista, de fato, como ato de expiação imposto por um deus ou pelo destino (através de uma necessidade vital, como a locomoção pela preservação da vida). Assim, “a ideia de penitência ou purgação partia de uma suposição muito forte: a de que sujeito e lugar são realidades integradas. Ao mudar de lugar, portanto, o sujeito também muda” (PIMENTEL, 2001, p.84).

Em *Dois irmãos*, tal como os irmãos bíblicos, Yaqub e Omar parecem, desde sempre, destinados à tragédia. “Não era mãe de Caim e Abel” (HATOUM, 2000, p.228), refletiu Zana ao sonhar com uma reconciliação entre os filhos. Na obra de Hatoum, também um dos irmãos é amaldiçoado por uma viagem indesejada à qual foi submetido como castigo. A falta de motivação e desejo pessoal de Yaqub em partir para terras distantes, torna o peso da “maldição da errância” ainda mais difícil de suportar e superar. Assim como Caim, estava destinado a odiar seu irmão mais novo e a ser banido do lar materno por conta desse sentimento, afinal, era sabido que a decisão final de sua jornada solitária partiu da mãe, que preferiu renegar um dos filhos para proteger o outro. O mais irônico no trajeto dos irmãos é que a natureza de Omar sempre foi vândala e livre, enquanto a de Yaqub retraída e sedentária. Omar, embora não tenha sido morto fisicamente, teve seu espírito tolido e subjugado ao insucesso de uma vida desperdiçada por conta de sua covardia e impotência diante do amor superprotetor da mãe. Já Yaqub, é forçado a abandonar a segurança da terra natal para “partir, ir atrás dos pastores⁵” e “experimentar um gênero de panteísmo extremamente pagão” (ONFRAY, 2009, p.14). Assim, longe da segurança social e familiar, o jovem viajante se vê frente a si mesmo num processo de redescobrimto e reformulação da própria identidade: “o que posso aprender e descobrir ao meu respeito?” (Ibidem, p.75). A resposta enfática à questão

⁵ Vale salientar que essa alusão ao ofício de Abel procede no que diz respeito às semelhanças entre o relato bíblico e a obra de Milton Hatoum, uma vez que Yaqub, ao chegar ao Líbano, passa a trabalhar como pastor de rebanho.

proposta por Onfray, no caso de Yaqub, é a constatação da maldição pela rejeição, o que vem a consolidar sua realidade enquanto sujeito emocionalmente bastardo.

A viagem forçada de Yaqub, mais do que uma viagem de formação distorcida, é a maldição imposta pelo exílio. O pai, embora legitimamente casado com sua mãe e reconhecedor de suas obrigações paternas, nunca desejou ter filhos. Temia perder a atenção da mulher amada e encarava a prole como estorvo. Se uma das características de bastardia é a concepção acidental ou não desejada, parte daí a primeira característica a marcar a condição da criança Yaqub. Desde o nascimento, foi tratado de maneira distinta do irmão gêmeo, sendo entregue aos cuidados da empregada da família, Domingas, que via no menino um misto de irmão e filho. A ela foram incumbidas as obrigações de mãe e ama de Yaqub, enquanto Omar, o irmão caçula, era mimado pela mãe natural de ambos. Aos treze anos de idade, por fim, os gêmeos foram separados. Sob pretextos mal formulados e pouco esclarecedores, Yaqub foi enviado a viver no Líbano com alguns parentes do pai. Dá-se aí o acontecimento que estabelece, definitivamente, a condição de bastardo de Yaqub, pois entende que “é ou acha-se mal-amado, rejeitado, humilhado incessantemente pelos seus” (ROBERT, 2007, p.184). Em outras palavras, a bastardia de Yaqub se consolida através de uma viagem; se alicerça pelo exílio. O menino retraído foi preterido e enviado a um país distante contra sua vontade e “chegar a um lugar do qual tudo se ignora condena à indigência existencial” (ONFRAY, 2007, p.26). O impacto desta atitude repercutiu pelo resto da vida do personagem que, anos mais tarde, ainda remeia com amargura a agressão sofrida: “Fui obrigado a me separar de todos, de tudo... não queria.” (HATOUM, 2000, p.116), revelou Yaqub certa vez a Nael. Não é difícil imaginar que um adolescente, de fato, não tivesse nenhum desejo de ser afastado da família - e da única vida que conhecia - para viver num país onde não era familiarizado com o idioma e pessoas com quem habitaria. O agravante da situação, certamente, foi a rejeição declarada dos pais - principalmente da mãe - em prol do irmão:

Não entendia [Yaqub] por que Zana não ralhava com o Caçula, e não entendeu por que ele, e não o irmão, viajou para o Líbano dois meses depois. [...] e ele não queria se lembrar do dia da partida. **Sozinho**, aos cuidados de uma família de amigos que ia viajar para o Líbano. **Sim, por que ele e não o Caçula, perguntava a si mesmo** (HATOUM, 2000, p.20 - grifo meu).

O motivo aparente - e que foi usado como desculpa por algum tempo - da viagem, seria a necessidade de separar os gêmeos que estavam em guerra pela atenção de Lívia, menina da vizinhança que veio a ser o pivô de um duelo que permearia a vida

dos gêmeos pra sempre. Em certa ocasião, num ímpeto de ciúme ao ver a moça beijar o irmão mais velho, Omar, armado de uma garrafa quebrada, rasga o rosto de Yaqub deixando nele uma cicatriz em forma de meia-lua que veio a ser o símbolo do eterno embate entre os dois. A ferida, mesmo aparentemente cicatrizada pelo tempo, jamais poderia ser esquecida ou ignorada. Aqui, vemos outra referência a Caim que, após matar o irmão, além de ser amaldiçoado com a errância eterna, passou a exibir um sinal⁶ em seu corpo que serviria como lembrança permanente, não só do seu pecado, como do ódio entre os irmãos. No entanto, ao acompanhar os relatos espalhados pela narrativa, notamos que o exílio de Yaqub foi planejado antes do malfadado confronto com Omar. O episódio do rosto ferido só serviu para impulsionar um plano previamente formulado, configurando-se, assim, num simples gesto de rejeição por parte de ambos os progenitores, o que confere a Yaqub uma condição de dupla bastardia:

Aconteceu um ano antes da Segunda Guerra, quando os gêmeos completaram treze anos de idade. **Halim queria mandar os dois para o sul do Líbano.** Zana relutou, e conseguiu persuadir o marido a mandar apenas Yaqub. Durante anos **Omar foi tratado como filho único**, o único menino. (HATOUM, 2000, p.15 – grifo meu)

Ao retornar à casa cinco anos depois, Yaqub era um estranho. Não apenas pelos anos de afastamento, como pelo sentimento de não pertencimento decorrente da pena de banimento ao qual foi submetido. Yaqub ressurgue como a personificação do Outro, aquele “outro oriental” indouto ao qual se julga, estuda e disciplina os modos (SAID, 1990, pp.49,50,51). Corroborando os temores da mãe em se tornar “um matuto, um pastor, um *ra’i*” (HATOUM, 2000, p.15), Yaqub chega ao Rio provocando vergonha ao pai ao desembarcar sem bagagem - a não ser um farnel surrado - e urinando em praça pública, provocando em Halim a necessidade de repreendê-lo e doutriná-lo de acordo com os princípios da civilidade ocidental: “No centro do Rio, Halim comprou roupas e um par de sapatos para Yaqub. Na viagem de volta a Manaus, fez um longo sermão sobre educação doméstica: que não se deve mijar na rua, nem comer como uma anta, nem cuspir no chão” (Ibidem, p.15). O que se percebe nessa tentativa de readaptação ao seio familiar, é que, apesar dos arroubos de afeto e mimos repentinos da mãe e da preocupação do pai em lhe prover dinheiro, fica evidente que “já não há mais possibilidade de integração na terra natal (a volta ao lar é sempre uma impossibilidade; quem volta já não é mais aquele que saiu) e persistem estranhamentos com relação ao

⁶ “E o Senhor colocou em Caim um sinal” (Gênesis 4:15)

novo lugar” (CHIARELLI, 2007, p.31). A transformação já havia acontecido e o futuro de Yaqub foi selado quando exilado: ele não pertencia mais àquele mundo, nem àquela família. E não apenas por ter adquirido novos hábitos ou ter esquecido boa parte da língua materna, mas pela perspectiva de, agora, assumir o papel do Outro, aquele ser diferente, quase um desconhecido, que gera desconforto por ser o “estrangeiro”, o que “não é o que nós somos” (PAZ, 2014, p.76). A transformação já havia acontecido e seu futuro selado quando exilado: ele não pertencia mais àquele mundo, muito menos àquela família.

Sua permanência na casa de onde havia sido expulso contra a vontade foi temporária, serviu de abrigo até que pudesse seguir seu caminho. Em seu quarto não havia vestígios de habitação, ou qualquer objeto que demonstrasse algum tipo de ligação sentimental com aquele espaço de sua infância, talvez por associar as memórias desta fase da vida a um tempo de amargura e raiva (ROBERT, 2007, p.184). A desconstrução da ideia de lar pode ser corroborada com as palavras de Onfray, que afirma: “A habitação não se confunde todavia com a ocupação pura e simples de um lugar. Uma residência passageira não significa morar, nem ter instalado sua moradia” (ONFRAY, 2009, p.86). Desta forma, percebe-se que, para Yaqub, o quarto habitado na infância não passava de paredes que abrigavam uma cama, que acolhia um corpo, que ansiava por viver outra vida. E uma que fosse diferente daquela que ele viveu no Líbano, e também em Manaus. Somado ao sentimento de não pertencimento, havia ainda o agravante de um trauma vivido durante seu tempo naquelas terras distantes. Embora este tenha sido outro mistério não revelado no romance⁷, fica claro que este acontecimento teve uma forte ingerência na vida de Yaqub e, conseqüentemente, influenciou sua falta de capacidade em perdoar a família. “Eis aí a matéria da recordação: o que acompanha o espírito após ter abandonado há muito a geografia” (Ibidem, p.50). Diante de sua figura austera e sempre equilibrada, este parecia ser o único assunto capaz de fazê-lo demonstrar algum tipo de reação mais humana e menos ensaiada:

“Não morei no Líbano, seu Talib.” A voz começou mansa e monótona, mas prometia subir de tom. E subiu tanto que as palavras seguintes assustaram: “Me mandaram para uma aldeia no sul, e o tempo que passei lá, esqueci. É isso mesmo, já esqueci quase tudo: a aldeia, as pessoas, o nome da aldeia e o nome dos parentes. Só não esqueci a língua...”

⁷ O outro mistério de *Dois Irmãos* é a filiação do narrador Nael.

“Talib, não vamos falar...”

“**Não pode esquecer outra coisa**”, Yaqub interrompeu o pai, exaltado. “**Não pode esquecer...**”, ele repetiu, reticente, e se calou. (HATOUM, 2000, p.119 – grifo meu)

É importante perceber que tal acontecimento desconhecido, por mais sofrido e danoso que tenha sido, não foi capaz de suplantar a violência do próprio exílio, experiência que Edward Said encara como perda terminal. Na concepção do autor, “o exílio nos compele estranhamente a pensar sobre ele, mas é terrível de experimentar. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e o seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada” (SAID, 2003, p.46). Pode ser esta a razão da omissão do fato misterioso, uma tentativa de demonstrar que qualquer experiência vivida enquanto exilado, não passava de consequência - um tipo de efeito colateral - da agressão e dor principais que corroíam Yaqub: a rejeição familiar. Como observa Nael em um trecho do romance, o banimento em si era suficiente para sobrepujar qualquer outro acontecimento: “Talvez nada, talvez nenhuma torpeza ou agressão tivesse sido tão violenta quanto a brusca separação de Yaqub de seu mundo. (HATOUM, 2008, p.116).

Após retornar à casa materna, Yaqub permaneceu por mais sete anos em Manaus, tempo necessário para reaprender o idioma - em parte esquecido - e concluir os estudos interrompidos com a viagem. Aos vinte e cinco anos vai para São Paulo em busca de uma vida distinta da que havia vivido até então. Este segundo e decisivo deslocamento, diferente do primeiro, foi planejado por ele. Absorto em seus planos, trancando em seu abrigo provisório, traçou seu destino e planejou sua vingança que, ironicamente, se iniciava através de outra viagem. Foi o início do plano de ascensão de Yaqub, o momento do surgimento do que Marhe Robert chama de bastado napoleônico, aquele que possui “um violento desejo de subir na vida, [...] e tão rapidamente quanto possível, a fim de transformar em superioridade social incontestável uma mediocridade original percebida como maldição (ROBERT, 2007, p.183). De fato, Yaqub alcançou esse sucesso. Prosperou, criou uma sólida carreira de engenheiro e tornou-se motivo de orgulho na casa dos pais onde suas fotos eram exibidas em porta-retratos e seus títulos admirados pelos vizinhos. No entanto, apesar de ter mudado seu destino, não conseguia se desvincular do passado. Sua conquista pessoal estava mais relacionada a “alguém que quis provar a si mesmo e aos outros que um ser rude, um pastor, um *ra’i*, como o chamava a mãe, poderia vir a ser um engenheiro famoso, reverenciado no círculo que

frequentava em São Paulo” (HATOUM, 2000, p.195). É busca da legitimação através das obras. No caso de Yaqub, entretanto, essa legitimidade só se faria completa ao destruir a vida de Omar. A “marca de Caim” que exibia no rosto agravava sua mágoa e não o deixava esquecer que o irmão era o grande responsável pela sua rejeição e exílio. “Não reagiu na juventude, quando um caco de vidro cortou-lhe a face esquerda; tampouco conformou-se com a cicatriz no rosto, como alguém que aceita passivamente um traço do destino” (Ibidem, p.197). Nem a carta recebida de Zana, onde a mesma pedia que o primogênito a perdoasse por enviá-lo sozinho ao Líbano - numa tentativa de apaziguar o ódio entre os irmãos, provavelmente, temendo mais pelo destino de Omar que pelos sentimentos de Yaqub -, serve como remissão de sua culpa: o filho “não aceitou nem recusou qualquer perdão” (Ibidem, p.228).

Após a morte da mãe, enfim, Yaqub pôs em ação sua vingança calculada. Esperou o momento certo para provocar Omar, se deixar golpear por este para ter provas legais de agressão e, assim, inverter os papéis, uma vez que, ao se tornar um foragido, a maldição da errância, mesmo que temporariamente, recaí sobre o Caçula. Os pais e Domingas estavam mortos, o irmão e rival foi eventualmente preso, Rânia ficou sozinha numa casa vazia e desconectada dos irmãos. O “Bastardo encarnado, o renegado perfeito que deixa o mundo em polvorosa ao realizar sem escrúpulos nem remorsos o que seus semelhantes mal ousam sonhar” (ROBERT, 2007, p.179). Assim foi Yaqub no final, impassível diante dos apelos de clemência dos amigos e da irmã. Nada fez, sequer respondeu. Assistiu a família que o exilou desmoronar, rechaçando a ideia de que “o exílio, a expiação e a penitência têm de anteceder a reconciliação do homem com o universo” (PAZ, 2014, p.27). Ou, talvez, a reconciliação de Yaqub tenha ocorrido com seu próprio universo, e tenha mais a ver com o que Kristeva chama de “viver o ódio”, uma forma de encontrar nesse sentimento doloroso, porém seguro, algo real e concreto onde se apoiar sem medo. E este passa a ser o conforto e consolo desse Outro, desse “estrangeiro” que entende que somente “o ódio o torna real, autêntico, sólido ou, simplesmente, vivo” (1994, p.21).

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA: Nova Versão Internacional. Sociedade Bíblica Internacional, 2003.

CÂNDIDO, Jornal da Biblioteca Pública do Paraná – BPP, Nº42 - Janeiro – 2015.

COSTA, Simone. *Contemporâneos brasileiros pautam mais estudos fora que dentro do país*. Revista Veja. São Paulo, 04 de Julho de 2013. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/meus-livros/eventos/contemporaneos-brasileiros-pautam-mais-estudos-fora-que-dentro-do-pais/>>. Acesso em 14 de agosto de 2014.

CHIARELLI, Stefania. *Vidas em trânsito: as ficções de Samuel Rawet e Milton Hatoum*. São Paulo: Annablume, 2007.

HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *Relato de um certo Oriente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000b.

_____. In: “Um escritor na Biblioteca”. [Entrevista concedida a Flavio Stein]. *Jornal Cândido*. Nº 08 - Março 2012.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Tradução de Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ONFRAY, Michel. *Teoria da viagem: poética da geografia*. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM Editores, 2009.

PAZ, Octavio. *O labirinto da solidão*. Tradução de Ari Roitman e Paulina Wacht. 3º Ed. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

PIMENTEL, Thaís Velloso C. *Varia História*. Belo Horizonte, nº 25, Jul/01, p.81-120.

ROBERT, Marthe. *Romance das origens, origens do romance*. Tradução de André Telles. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

ROUDINESCO, Elisabet; PLON, Michel -*Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998

SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.